

O curso *Trabalho, Educação e Movimentos Sociais* (2011-2013)

Paulo Alentejano; Virgínia Fontes*

Esta *nota crítica* faz um brevíssimo relato da experiência do curso de Especialização denominado Trabalho, Educação e Movimentos Sociais (TEMS), realizado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) e apoiado pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), destacando a abordagem do marxismo privilegiada no curso. O objetivo central do TEMS era consolidar uma base teórica crítica e realizar uma substantiva iniciação à pesquisa para professores e militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), atuando principalmente no setor de educação. O curso durou dois anos, entre 2011 e 2013, mas é preciso agregar quase um ano prévio de organização e preparação, tanto intelectual quanto administrativa. No segundo semestre de 2013 iniciou-se a segunda turma, coordenada por Anakeila Stauffer e Marco Antonio Santos, ainda no âmbito do Pronera, mas agora numa modalidade que envolve também o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq, dentro do Edital do Programa de Residência Agrária.

Em maio de 2013, experimentamos verdadeira maratona, com a realização de 42 defesas de Trabalhos de Conclusão de Curso da primeira turma do curso TEMS, de um total de 50 estudantes originalmente inscritos no Curso, o que configura um índice invejável de 16% de evasão, muito inferior ao que ocorre na maioria dos cursos de especialização. Todas as bancas foram formadas segundo os rituais acadêmicos já tradicionais (orientador e mais dois avaliadores). Os resumos estão disponíveis na página *on-line* da EPSJV-Fiocruz.¹

Nesse curso, tivemos a oportunidade de realizar diversos experimentos e exercitar inúmeras possibilidades, para as quais fomos formados e que o marxismo pressupõe, mas que a rotina universitária muitas vezes desestimula. No TEMS, procuramos estabelecer uma correlação permanente e íntima entre elaboração e execução, entre inquietação teórica e realização prática, entre rigor teórico, prática organizativa e sensibilidade afetiva. Difícil, inclusive, relatar o curso, tão extensas foram as questões sobre as quais nos debruçamos, tantos os

* Paulo Alentejano é professor do Departamento de Geografia da FFP/UERJ e foi Coordenador Pedagógico da Turma I do Curso. Virgínia Fontes é professora da UFF e da EPSJV-Fiocruz e foi Coordenadora Geral do Curso.

¹ www.epsjv.fiocruz.br

desafios e tão grande e grata foi a atividade de todos os envolvidos. Começamos, portanto, do começo.

A elaboração desse curso respondia a algumas intencionalidades, todas extremamente desafiantes. A ordem de sua apresentação abaixo não significa necessariamente precedência ou maior importância, pois, como se verá, estão estreitamente relacionadas entre elas. Ademais, estamos recortando para essas *notas críticas* as intencionalidades que dizem respeito ao objetivo deste texto. Uma primeira intencionalidade residia na complementação de uma formação teórico-crítica substantiva, em especial no campo do marxismo, para profissionais formados em universidades públicas, mas que vivenciaram uma enorme fragilidade teórica nos cursos realizados. Sua formação era variada, sendo a grande maioria proveniente de cursos de Pedagogia, mas também de História, Agronomia e outras disciplinas, todos realizados em Universidades Públicas de diversos estados. Assim, nosso objetivo era assegurar uma formação teórica ao mesmo tempo sólida e consistente, baseada sobretudo na leitura e debate coletivo de textos clássicos – escassamente apresentados aos estudantes no período universitário. A segunda intencionalidade, diretamente coligada à primeira, era estimular a reflexão sobre o papel da Universidade no Brasil contemporâneo, impulsionando análises criteriosas sobre as experiências levadas a efeito pelo Pronera, em estreita relação com os movimentos sociais do campo. Tratava-se de favorecer pesquisas tanto sobre as reações ainda imperantes contra os cursos voltados para movimentos sociais, quanto os seus aportes, além de avaliar as limitações institucionais, pedagógicas ou mesmo intelectuais dos cursos superiores, a partir de uma mirada crítica do ponto de vista de militantes sociais ligados às lutas do campo. Esse objetivo se desdobrava na análise das condições da produção do conhecimento, da prática pedagógica e da ciência contemporâneos no Brasil, buscando incitar estudos sobre o tipo de formação predominante na universidade brasileira contemporânea. Em seguida, propúnhamos aprofundar a reflexão sobre as formulações da Educação Politécnica e da Educação do Campo, lastreando uma aproximação consolidada entre instituições públicas e movimentos sociais, como prática permanente. Finalmente, procuramos estabelecer as pontes teóricas e práticas entre as diversas formulações teóricas presentes nas lutas sociais contemporâneas, especialmente aquelas presentes na Educação, analisadas a partir do estudo rigoroso do marxismo nas suas diversas tradições críticas.

Neste texto, nos deteremos na primeira e na última dessas intencionalidades, uma vez que a análise de todas elas extrapola os limites deste espaço. Aqui trataremos sobretudo das conexões teórico-práticas das quais partimos, assim como das relações fundamentais tecidas nesse curso entre Universidades Públi-

cas, a Fiocruz e os discentes do curso, militantes do MST². Nosso primeiro objetivo era formular um curso de pós-graduação infelizmente raro nas Universidades brasileiras nos dias de hoje, no qual tanto a pesquisa quanto a reflexão teórica tivessem amplo espaço. Para tanto, recusamos implementar um programa de tipo enciclopédico, o que arriscaria a perda do foco do nosso trabalho: a análise crítica de processos e práticas sociais educativas, a partir do aporte de Marx e do marxismo. Por razões teóricas, pedagógicas e políticas, igualmente recusamos a estruturação do curso a partir de textos simplificadores, como manuais, cartilhas, apostilas ou mesmo textos de apresentação dos autores clássicos realizados por comentadores. Como já insistia Gramsci, a filosofia da práxis tem como tarefa primordial elevar o nível geral de conhecimento dos subalternos, agindo tanto no âmbito da qualidade como no da quantidade. Precisamos de excelentes cursos voltados para grandes massas e não meras simplificações. Discutimos muito seriamente a seleção dos temas e dos textos. Precisávamos fugir da armadilha corriqueira na sociedade capitalista – e especialmente em voga em nossos dias – que consiste em “facilitar” o aprendizado, simplificando-o ao extremo, reduzindo a complexidade dos temas que temos de enfrentar a pequenas unidades banalizadas, mensuráveis de maneira direta e quase mecânica. Esse tipo de procedimento envolve um aprendizado mais ou menos medíocre, mas com resultados aparentemente mais rápidos. Mesmo no campo crítico, muito vezes ele reaparece, através da simplificação de categorias e de conceitos complexos, autojustificando-se através de uma dupla falsificação (ou unilateralidade), que tivemos o cuidado prévio de debater extensamente, de forma a socializar tanto o risco que ele envolve (sobretudo para educadores), quanto as condições para evitá-lo:

a) os estudantes não têm o nível necessário para compreender formulações filosóficas muito abstratas e complexas.

Esse argumento sustenta uma prática pedagógico-política problemática, uma vez que erige alguns em seres capazes de compreender a complexidade do mundo e estabelece, no contraponto, que os demais são incapazes do acesso à cultura e à compreensão da complexidade contemporânea. Tivemos longas discussões e debates sobre este tema, iniciado no período de preparação do curso, e retomado permanentemente em todos os níveis de elaboração e execução do curso, entre os docentes, orientadores e discentes. Ora, aqui pesava, também, desde o princípio, a análise crítica do período histórico brasileiro contemporâneo, no qual ocorreu uma redução do papel da formação política – considerada como um processo educativo fortemente vinculado à prática social e política

²Vindos de dezessete (17) diferentes estados da federação, os estudantes eram dirigentes nacionais e estaduais do MST, professores e diretores de escolas de assentamento.

– fomentando uma espécie de pragmatismo generalizado, à base de formações aligeiradas voltadas para a participação, porém encolhidas na capacidade de estimular o pensamento crítico em todos os níveis. Na experiência histórica recente, militantes de esquerda se defrontaram com ecletismos diversos, alguns deles bastante refinados (como o pós-modernismo), e em muitos casos não dispunham dos meios teóricos para elaborar sua própria crítica pessoal. Essa experiência envolveu o que vem sendo denominado por muitos autores de um enorme “transformismo” social, no qual parcela dos militantes até então de esquerda bandearam-se para posições adequadas à sociabilidade capitalista contemporânea. Assim, estimular e aprofundar a reflexão crítica, mais do que mera postura teórica, assumia aqui uma dimensão prática e uma exigência concreta da luta imediata. Ao menos nas condições brasileiras, torna-se a cada dia mais urgente – e essa era uma das mais fortes reivindicações dos movimentos sociais – e fundamental que todos os militantes (e cada um deles) possam enfrentar as complexas situações concretas com o máximo de refinamento possível. Em alguns momentos, lembramo-nos de que não “podíamos mais perder militantes”, como ocorreu com diversos movimentos que, partindo de uma visão crítica, encontraram-se enredados frente a argumentos imediatistas e, com isso, acabaram incorporando-se às fileiras de uma sociabilidade movida, dirigida e nutrida pelo capital. A esse respeito, vale verificar as pesquisas de Martins (2009) e de Coelho (2012).

b) há excesso de detalhes e complicações nos textos clássicos e é preciso simplificá-los para torná-los compreensíveis.

Este argumento tende a igualar-se às práticas pragmáticas, muitas vezes de cunho neopositivista, que desconsidera o refinamento intelectual como se fosse atividade inútil, enfatizando apenas o caráter utilitário do conhecimento. Para a brutalidade da vida da grande maioria da população, bastaria a brutalidade de um pensamento adestrador. Além disso, esse argumento ignora solenemente a importância central que a leitura dos clássicos tem no âmbito do pensamento social crítico, onde estes são e devem ser referências permanentes dos debates, ao contrário do que pregam os positivistas e neopositivistas adeptos de uma perspectiva linear, evolucionista e cumulativa do conhecimento (Alexander, 1999).

Desde o início do processo de construção do curso, reunimos professores universitários e militantes de movimentos sociais do campo, que tiveram papel precioso ao indicar necessidades e reivindicações amadurecidas nos seus debates internos. Esse primeiro núcleo, que formulou as premissas fundamentais do curso, reunia, além dos representantes dos movimentos sociais, docentes da EP-SJV-Fiocruz, da UFF, da UERJ e da UFRJ. Deste núcleo formou-se a Coordenação Colegiada do Curso, composta por André Dantas, André Burigo, André Feitosa, Erivan Hilário, Maria Cristina Vargas, Paulo Alentejano, Valéria Carvalho e Virgínia

Fontes. Gaudêncio Frigotto e Roberto Leher foram indispensáveis, participando ativamente desde os primeiros passos da elaboração, passando por todas as etapas da execução do curso. Garantindo coerência interna ao conjunto do curso, todas as suas etapas deveriam retomar quatro grandes eixos de organização teórica e temática: a questão do conhecimento (método, historicidade e dialética); o trabalho como conceito na reflexão marxiana e suas transformações como prática histórica e territorial, em especial em sua relação com o capital na sociedade contemporânea; classes sociais e lutas de classes e, finalmente, o Estado.

Com esse propósito lastreador para o curso, elaboramos a primeira ementa, dividida em quatro grandes módulos, sendo os dois primeiros destinados diretamente à consolidação da base teórica geral, enquanto os dois últimos deveriam enfrentar mais diretamente a questão da Pedagogia, tanto em seu viés teórico-crítico geral, quanto nas formulações e experiências brasileiras.

Para um curso sobre Marx que se pretendia não dogmático e não esquemático, procuramos envolver professores do Rio de Janeiro que vêm pesquisando sobre este autor, com duplo objetivo: assegurar que a diversidade existente de leituras sobre Marx (e Engels) pudesse aparecer no curso, além de estreitar os elos de afinidade entre os diversos grupos marxistas do Rio de Janeiro. Garantir essa aproximação no campo do marxismo pareceu-nos essencial: em geral nos encontramos através de nossos em textos, eventos e seminários, atividades sindicais e lutas sociais. No entanto, raramente temos o tempo de conhecer nossas elaborações, de discutir e atuar em sintonia, uma vez que as atividades de cada área universitária são intensas e muito especializadas. Nossos docentes vinham de diversas formações: Economia, Geografia, História, Pedagogia, Sociologia, Serviço Social, dentre outras.

Diferentemente do discurso liberal, que supõe como “pluralismo” o seu próprio predomínio, muitas vezes lastreado sobretudo na fartura de recursos econômicos, o que lhes permite ‘domar’ oposições, no interior do marxismo pode existir uma pluralidade muito mais rica: em primeiro lugar, pois precisamos estudar – a sério – aqueles que combatemos. Não podemos, sob risco de fragilizar nossa própria luta e nossos militantes, caricaturar ou desconsiderar o predomínio do capitalismo contemporâneo, e precisamos compreender as diversas modalidades pelas quais seus intelectuais difundem – com grande espaço em todas as mídias – os temas que lhes interessam. Em segundo lugar, pois sendo uma tradição estreitamente ligada à luta social, deve abordar as diferentes formas de considerar e experimentar a luta social, formas intelectivas mais ou menos ecléticas, que emergem no próprio processo social concreto. Não pretendemos estabelecer um “marxômetro” que defina qual das diferentes tendências na luta está mais próxima ou distante de um marxismo idealizado. Em contrapartida, o desconhecimento das obras clássicas do próprio Marx certamente expressa

limitações muito concretas nas quais ocorrem nossas lutas, sendo sua superação urgente. Ademais, há inúmeras vertentes de interpretação da obra marxiana que resultam em polêmicas históricas nas próprias lutas de classes e que abrem – ou bloqueiam – novas possibilidades. A opção tomada no curso TEMS foi, portanto, de iniciar com uma série sólida de apresentação de grandes temas a partir das obras de Marx e Engels. Buscávamos realizar uma introdução a Marx lastreada diretamente nos textos clássicos.

A primeira etapa, “Trabalho, historicidade, conceitos e métodos” dedicou-se a uma cuidadosa atenção aos textos clássicos, tendo como docentes pesquisadores com larga experiência na leitura e sistematização desses autores, capazes, portanto, de trabalhar diretamente com os originais, mas esclarecendo dúvidas, contribuindo para o acesso a textos complexos. Vale ressaltar que estabelecemos um horário diário de leitura de textos anterior às aulas no andamento das etapas presenciais, o que assegurava um tempo mínimo de contato com a bibliografia, no próprio período das aulas. A orientação geral da etapa procurava compreender as condições históricas de emergência do pensamento marxiano, com ênfase para as categorias que seriam fundamentais ao longo de todo o curso: trabalho, classes sociais e luta de classes, Estado, educação. A turma respondeu de maneira muito encorajadora, pelo aprofundamento dos conceitos e categorias realizado em diversos trabalhos propostos durante esta primeira etapa.

Na etapa seguinte, “Teoria crítica, métodos e novos problemas”, procuramos trabalhar com alguns dos mais significativos autores do marxismo nos séculos XIX e XX, apresentando uma variedade selecionada de autores, sempre de maneira contextualizada, recuperando sua intrínseca historicidade e territorialidade. O intuito era apresentar não apenas os ricos desdobramentos existentes no marxismo, mas também as principais linhas de clivagem e de debate no interior dessa base teórica que constitui uma verdadeira plataforma de pensamentos, cuja referência fundamental a Marx impulsiona uma grande diversidade de temas, abordagens e questões. Não havia pretensão de esgotar bibliografias enciclopédicas e, novamente, a opção era trabalhar com textos selecionados originais, preferencialmente com docentes que tivessem pesquisas, trabalhos e publicações sobre cada autor. Selecionamos inicialmente um grupo grande de autores, maior do que poderíamos trabalhar efetivamente na etapa, dentre os quais destacamos Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Kautsky, Gramsci, Mao, Lukács, E. P. Thompson, R. Williams, Escola de Frankfurt e pensadores latino-americanos como Julio Antonio Mella, Mariátegui, Ruy Mauro Marini, Aníbal Quijano, dentre outros. Em todos estes autores há uma preocupação forte com os temas da educação, da ideologia e da formação da consciência. Embora todos os autores tenham sido abordados, efetivamente destacamos no curso as contribuições de Lênin, Rosa, Lukács, Gramsci e Thompson, além do pensamento latino-americano.

Ao longo de todo o curso, a contribuição de integrantes do NIEP-Marx foi fundamental, valendo, entretanto, destacar o importante papel que cumpriu na docência, em especial nas duas primeiras etapas, cujo teor permitia agrupar pesquisadores de diferentes áreas (Sociologia, Economia, História, Educação, Serviço Social, Geografia), trazendo um aporte teórico de alto nível. A sistematização e o rigor das leituras da obra de Marx e de autores de referência no marxismo realizadas pelo grupo docente permitiram a realização de etapas em que a apresentação geral e o aprofundamento de temas transcorreram de maneira impecável, com intensa participação da turma e resultado acima do previsto em termos da qualidade dos trabalhos. Ao mesmo tempo essa variedade de formações e de enfoques, embora todos estivessem comprometidos com a explanação seja de obras de Marx, de temas abertos por Marx ou ainda de pensadores marxistas que tiveram voo próprio, permitia verificar a pluralidade de abordagens.

Nas etapas seguintes (terceira e quarta), o curso enveredou resolutamente pelo terreno da Pedagogia. Na terceira, estudamos os principais pensadores internacionais de uma pedagogia crítica e engajada. Destacamos previamente alguns grupos de autores, sendo o primeiro grupo reunindo os que fizeram experiências diretas no ensino revolucionário, como Pistrak, Makarenko, Lênin, Lunacharsky, Krupskaya, Vygotsky e Shulguin; em seguida, retomamos um autor já abordado anteriormente, Antonio Gramsci, cuja contribuição foi foco permanente de atenção, dada sua relevância tanto para a Educação do Campo quanto para a Politécnica. Além desses, incorporamos ainda as contribuições sobre Educação e Escola provenientes de Mario Manacorda, Althusser, Mézaros, Paulo Freire, Dermeval Saviani e Bakhtin. Essa etapa – como as precedentes – envolvia a contextualização histórica dos autores e, mais do que isso, agora se tratava também de historicizar as condições sociais da educação e da escolarização. Já a quarta etapa foi menos diretamente ordenada por autores e mais voltada para a educação brasileira, procurando assegurar uma formação sólida sobre alguns pontos cruciais para a compreensão dos limites da educação pública no Brasil. Os principais temas abordados diziam respeito a:

- políticas internacionais de educação (e ao papel de agências e entidades internacionais, como o Banco Mundial), que estabelecem parâmetros de uma educação voltada para a lógica do mercado;
- história da educação brasileira, através das reformas educacionais, do papel das organizações patronais na atualidade, com ênfase para as entidades empresariais que formulam uma educação rural a partir do ponto de vista dos grandes proprietários;
- a educação popular e sua rica trajetória no Brasil;
- as lutas sociais no Brasil e na América Latina em torno da educação.

A grande maioria dos docentes era do Rio de Janeiro, de praticamente todas as universidades públicas do Estado e dos principais núcleos de pesquisa em teoria crítica do Estado. Esta foi uma das intenções importantes do curso: a aproximação e o trabalho conjunto com equipes de pesquisadores de áreas afins, consolidando relações intelectuais e afetivas entre os diferentes grupos marxistas do Rio de Janeiro. Para além disso, pudemos contar com renomados professores de outras regiões do país que pesquisam diretamente sobre o tema que abordaram em sala de aula. O corpo docente de um curso, mesmo durando dois anos, tende a se diluir após a sua conclusão; pensando nisso, procuramos combinar a experiência e a qualidade da intervenção desses docentes com uma estratégia de formação de jovens docentes – que já tenham pesquisa sobre os temas abordados. Mantendo a aproximação com o grupo docente original, realizamos assim uma dupla formação: a dos educandos do curso e a dos jovens docentes que iniciam seu percurso.

Qualquer curso, por mais importantes que sejam a programação e as aulas, por melhores e mais refinados que sejam sua elaboração, formulação e execução, não se limita a elas, que são apenas um momento do conjunto. Vale mencionar rapidamente outra experiência inovadora a que nos propusemos, pouco usual nas pós-graduações: a de formar jovens orientadores. Elaboramos quatro Linhas de Pesquisa do curso TEMS a partir da interseção entre a intencionalidade do curso e as áreas de interesse de pesquisa apresentadas pelos discentes. A partir delas, convidamos jovens mestres, doutorandos e jovens doutores, sobretudo no âmbito da Pedagogia, para coordenarem-nas, organizando equipes de orientação que definiam textos comuns de leitura, debatiam questões teóricas e metodológicas centrais para aquela Linha de Pesquisa, assim como orientavam os trabalhos dos discentes. O espaço não caberia para listar todos os participantes, cujo papel foi fundamental para o conjunto das pesquisas, tanto com relação à qualidade final dos trabalhos, como com relação aos prazos, mas vale a menção aos que coordenaram esse trabalhos nas linhas de pesquisa: Manoel Porto Jr. na linha *Trabalho e Educação*, Marcela Pronko na linha *Estado, políticas públicas de educação e luta de classes*, Vânia Motta na linha *Universidade, ciência e hegemonia: a questão da consciência* e Kênia Miranda na linha *Movimentos sociais e as experiências da luta pela educação*. Registre-se ainda a contribuição fundamental de Caroline Bahniuk e Lizandra Guedes, que realizaram um acompanhamento pedagógico permanente da turma.

Finalmente, vale lembrar que este é um relato parcial, apresentando apenas algumas intencionalidades do curso, a partir do ponto de vista docente. Há outro ângulo fundamental, que não abordamos aqui pelas limitações do espaço, que é o da organização da turma e seu efetivo protagonismo durante o todo o curso. A qualidade, o interesse e a riqueza desse curso resultam exatamente do encontro

entre militantes da classe trabalhadora, intelectuais e educadores do campo e das cidades, em processos educativos que demonstraram ser simultaneamente práticas político-pedagógicas, espaço de socialização do conhecimento e rica experiência de humanidade.

Referências

- ALEXANDER, Jeffrey. "A importância dos clássicos". In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (orgs.). *A teoria social hoje*. São Paulo: EdUNESP, 1999.
- COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT*. São Paulo: Xamã; Feira de Santana: UEFS, 2012.
- MARTINS, André Silva. *A direita para o social: a educação da sociabilidade no Brasil contemporâneo*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2009.

Recebido em fevereiro de 2014

Aprovado em março de 2014